

Cartão Crédito Citi, peça já e receba GRÁTIS máquina de café Delta Q

Diário de Notícias

Edições Anteriores

Quinta, 23 de Junho de 2005
Edição Papel

PESQUISA

Director: Miguel Coutinho
Director Adjunto: Raul Vaz
Subdirectores: António Perez Metelo, João Morgado Fernandes e Pedro Rolo Duarte

Lisboa

23.06.05

dn.homepage » dn.artes

 Enviar |
  Salvar |
  Imprimir

DN TEMA

NACIONAL

EDITORIAL

OPINIÃO

INTERNACIONAL

SOCIEDADE

NEGÓCIOS

DESPORTO

ARTES

MEDIA

BOA VIDA

Ministério
da Cultura

Helena Almeida e o corpo

pedro Mexia
pedromexia@hotmail.com

Dirigida por Bernardo Pinto de Almeida e Armando Alves, a coleção *Caminhos da Arte Portuguesa no Século XX* (edição Caminho e Edimpresa) apresenta 42 artistas portugueses contemporâneos em pequenas antologias visuais antecedidas de textos escritos por conhecidos críticos e ensaístas.

Deixo uma brevíssima nota sobre o volume dedicado a Helena Almeida (n. 1934). Atentemos em *Pintura Habitada* (acrílico sobre fotografia a preto e branco, 1976) uma mulher (H.A.) ergue um pincel e parece pintar por dentro do próprio quadro uma mancha de tinta azul que a oculta aos nossos olhos. É uma fusão de meios expressivos ou um boicote delirante?

Isabel Carlos, num estudo introdutório, explica que Helena Almeida se exprime através do corpo fotografado mas que nunca se detém no aspecto meramente fotográfico. Há "um permanente aparecimento de uma imagem de mulher que se transforma em pintura ou desenho". Não é um devaneio narcísico (como em certos auto-retratos), nem um exercício de desdobraimento em personagens (como em Cindy Sherman). O corpo de Helena Almeida é um corpo que funciona como uma *superfície*, uma espécie de plataforma combinatória para artes visuais distintas.

Ainda segundo a ensaísta, existe uma espécie de mote que se exprime assim "a minha pintura é o meu corpo, a minha obra é o meu corpo". Mas não é este corpo concreto que interessa: o que importa é a presença de um corpo. Helena Almeida usa o seu próprio corpo apenas porque (como nos confessa) mais ninguém resultava naquelas cenas específicas. É uma explicação que encontramos por exemplo em Woody Allen. E essa não é a única nota cinematográfica: na sequência *Estudo para Dois Espaços*, 1977, as mãos femininas quase evocam os austeros enquadramentos de Robert Bresson.

É como se em Helena Almeida o corpo praticasse uma performance *in absentia*, ao mesmo tempo conceptual, minimal, irónica e elegante. É um corpo quase sempre coberto ou desfigurado por manchas azuis e vermelhas, densamente simbólicas, mas que valem, nas palavras de artista, pela sua "comunicação imediata". É também essa comunicação que torna um mundo cerebral num mundo imediatamente tangível.

OUTRAS NOTÍCIAS DA SECÇÃO

Morcego

Metropolitana de cara lavada, com novos rumos e mais ambições

'Otello', Saramago, Wagner e 'estrelas'

São Carlos 2005/06 ou a reconciliação

O regresso dos Echo & The Bunnymen a Vilar de Mouros

Sete bailarinos e umas cadeiras já formam um 'Corpo de Baile'

Souto de Moura vence prémio FAD com o Estádio de Braga

Copyright @ 1995/2008 Global Notícias, SA Todos os direitos reservados



controlinveste

[Açoriano Oriental](#) | [Diário de Notícias](#) | [DN Madeira](#) | [Global Notícias](#) | [Infordesporto](#) | [Jornal do Fundão](#) | [Jornal de Notícias](#) | [Ocasião](#)

[O Jogo](#) | [SportTV](#) | [TSF](#) | [Assinaturas](#) | [Bilhetes](#) | [Classificados](#) | [Cosmos](#) | [Global Viagens](#) | [Indiscutível](#) | [Loja do Jornal](#) | [Lovemail](#)